

## Francisco Sanches e o problema da certeza

SEVERIANO TAVARES

Faculdade de Filosofia de Braga.

Na história da filosofia aparecem de vez em quando nomes que assinalam extraordinariamente a sua passagem, porque souberam imprimir aos caminhos da mesma desvios de tal maneira vincados, que ignorá-los e desconhecer os seus nomes seria crime de lesa história. Lembremos os nomes de Sócrates, Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, para citar alguns. Quereríamos hoje fazer incluir mais um nome entre essa pléiade gloriosa, o de Francisco Sanches.

Nascido em 1550 ou 1551 na vila de Valença do Minho (Portugal), como tivemos já ocasião de o demonstrar<sup>1</sup>, muito cedo abandonou a pátria portuguesa, por motivos ainda hoje desconhecidos, indo continuar os estudos secundários no Colégio de Guyenne em Bordéus.

Alma e inteligência abertas à contemplação da natureza, homem de realidades cruas e concretas, não podia aquietar-se com os ensinamentos que lhe subministrava a filosofia de então, dominada ao tempo pela escolástica, mas por uma escolástica apertada nos moldes nominalistas e toda voltada para o passado, a remirar-se na repetição apagada e inglória de dizer o que outros já disseram.

A reacção violenta contra esta forma apática do saber iniciara-se já e prolongava-se pelos séculos xv e xvi com Nicolau de Cusa, Campanella, Giordano Bruno, Montaigne, Sabunde e outros. Sanches iria de parceria com eles. Terminados os seus estudos secundários em Bordéus viajou longamente pela Itália, respirando mais vivamente os ares e doutrinas inconformistas e revolucionárias, que varriam por aquele tempo a Itália, e é muito natural que então tenha architectado a sua principal obra filosófica, o *Quod nihil scitur*. Em 1573, de volta da Itália, veio habitar a cidade de Montpellier, doutorando-se

<sup>1</sup> *Revista Portuguesa de Filosofia, A naturalidade de Francisco Sanches*, 1945, p. 63-76.

em medicina a 13 de Julho de 1574. No ano seguinte mudou para Toulouse, dedicando-se completamente ao estudo da medicina e da filosofia, e nesta cidade faleceu em 1623.

Em 1636, por cuidados de Raimundo Delassus, amigo e discípulo de Sanches, apareceu em Tolosa a obra completa de Sanches, num só volume de 1077 págs., compreendendo além dos seus trabalhos de medicina, também os de filosofia<sup>1</sup>.

Entre as obras filosóficas<sup>2</sup> ocupa sem dúvida o primeiro lugar, não só pela importância do assunto, como também pelas referências e influxo que exerceu<sup>3</sup> o *Quod nihil scitur*. A edição princeps desta obra é de 1581, ainda que Sanches, por confissão própria, a diz composta 7 anos antes<sup>4</sup>, devendo pois tomar-se o ano de 1575 como o da composição. Tinha então Sanches 24 anos de idade<sup>5</sup>.

O seu carácter nitidamente negativo pedia um ou mais complementos positivos onde Sanches expusesse a sua filosofia, quanto ao problema crucial do conhecimento e da certeza. De facto no *Q. N. S.* a cada passo apela Sanches para um tratado de criteriologia, o *Examen rerum*, e para um outro de psicologia, o *De anima*, tratados estes que, se foram publicados, se perderam posteriormente. Fica-nos deste modo, para ajuizar do pensamento de Sanches, só o *Q. N. S.*

Este título indica-nos só por si o assunto principal deste pequenino tratado: *nec unum hoc scio, me nihil scire: conector tamen nec me. nec alios. Haec mihi vex illum propositio sit, haec sequenda venit, Nihil Scitur*<sup>6</sup>.

Notemos desde já que semelhante título, tão atrevido e audaz, era de molde a provocar escândalo e celeuma por entre a pacatez e segurança com que os filósofos da época aceitavam e criam na objectividade do conhecimento humano.

De facto surgiram depressa contraditores a alcunharem a Sanches de céptico empedernido e a mostrarem-lhe a sem-razão da sua posição filosófica. Em 1664 M. J. Ulrich Wildt respondia-lhe com o seu *Quod aliquid scitur*, e logo em 1665 Daniel Hartnack voltava à carga

<sup>1</sup> FRANCISCI SANCHEZ, *Doctoris Medici et in Academia Tolosana Professoris Regij, Opera Medica. His iuncti sunt tractatus quidam Philosophici non insubtiles. Tolosae Tecnosagum, Apud Petrum Bosc, M. DC. XXXVI.*

<sup>2</sup> Ficaram-nos 4 obras filosóficas, entre muitas outras que porventura escreveu.

<sup>3</sup> O *QNS.* mereceu a honra de 5 edições e foi traduzido para várias línguas.

<sup>4</sup> *ONS.* na Introdução.

<sup>5</sup> *Revista Portuguesa de Filosofia, A data de composição do QNS.*, 1945, p. 386-391.

<sup>6</sup> *QNS.*, p. 169. Citaremos sempre a trad. portuguesa publicada por SNI, 1948, *Idearium*.

com *Sanches aliquid sciens*. Andou a roda do tempo, e mais em nossos dias começou a olhar-se esta obra de Sanches não como defendendo o ponto de vista céptico no conhecimento, mas como obra predecessora do criticismo de Descartes, sobretudo depois dos trabalhos que lhe consagraram Sanchet, Gerkrath, Menéndez Pelayo e J. Iriarte S. J.

Em todo o caso os historiadores, mesmo hoje, estão ainda longe de chegar neste ponto a acordo, e vozes há que persistem em afirmar que Sanches é céptico inveterado. Em 1946, escrevia Dionisio Domínguez, S. J., na sua *Historia de la Filosofía*: “En su *Tractatus de multum nobili et prima universali scientia: Quod nihil scitur*, furibundo alegato contra la metafísica y el silogismo, nos da (Sanches) un escepticismo independiente del francés, de tonos más resueltos, radicales y aun desconcertantes. A veces parece impugnar solamente el saber *perfecto* en el campo metafísico, y aun al principio parece dudar para construir, como lo hizo después Descartes... Mas al fin, aunque no duda del testimonio de los sentidos y recomienda el método inductivo, desconfía aun de la ciencia experimental y parece negar la posibilidad de todo conocimiento, dudando hasta de su misma ignorancia...”<sup>1</sup>.

Examinemos um instante e muito rapidamente, dado o pouco tempo de que podemos dispor, estas afirmações.

Quais as pretensões do *Q. N. S.* segundo nós?

Duas: A) Remexer os ânimos e inteligências dos filósofos por um ataque cerrado à filosofia formalista e nominalista da época;

B) mostrar-lhes caminhos novos que levassem com segurança à posse da certeza.

A. Que se trata não de “un alegato contra la metafísica y el silogismo” em si, mas duma acusação tremenda contra os filósofos e metafísicos do tempo, parece-nos evidente ao relermos as páginas veementes do *Q. N. S.*

A criança, uma vez entregue aos bancos da escola, tomavam-na os professores à sua conta, e começavam a sobrecarregar-lhe a memória de inutilidades:

“Lembro-me bem que, ao começar a estudar dialéctica, sendo ainda rapazinho, era não raro provocado ao combate pelos mais adiantados em anos e estudos, para experimentarem o meu talento: e vá de desfiar, uns atrás dos outros, silogismos falaciosos, e eu não vendo a falácia,

<sup>1</sup> *Hist. de la Filosofía*, p. 275-276, 5ª ed., Santander, 1946.

por vezes via-me vencido pela dificuldade, e concedia o que era falso, mas não de todo falso, donde porém se seguiam coisas falsas... Ora não seria melhor que o templo que eu gastava mal em procurar o defeito do silogismo, o empregasse em conhecer alguma coisa natural?"<sup>1</sup>.

Os professores nada mais procuravam que complicar as coisas para se darem ares de inteligentes: "Mas eles, procurando rodeios para que a ciência, por fácil, não caia no desprezo, tornam-na difícil e trabalhosa, embrulhando-a em palavras e jactam-se de demonstrar e provar cientificamente que o homem é substância e prová-lo assim em *Barbara*..."<sup>2</sup>.

Para isso alteram o sentido às palavras, de modo que se tornam completamente ininteligíveis: "afastam as palavras da significação própria e estragam-nas de tal maneira que a linguagem destes, idêntica à de seus pais nas palavras empregadas, é inteiramente diversa quanto ao sentido delas. Quando vais ter com eles para aprenderes alguma coisa alteram de tal modo a significação das palavras, que tu estavas habituado a empregar, que já não designam as mesmas coisas, as coisas reais, mas aquelas que eles inventaram para que, disqueteando eles e disputando subtilmente sobre elas como elas lhes apareceram em sonhos, e expondo-as no entanto com grande habilidade, tu, ávido de saber e absolutamente ignorante dessas novas coisas, os oigas, admires, respeites e reverencies como subtilíssimos perscrutadores da natureza"<sup>3</sup>.

E a cegueira é tão grande que discutem sofisticamente as coisas mais absurdas: "assim vi eu um dia um palrador sofista tentando convencer um ignorante qualquer de que o branco era preto..."<sup>4</sup>.

Tudo isto pretendem estes sofistas provar por meio de silogismos sem fim "para estes silogizantes o mais douto é aquele que melhor palavra, e o que mostra a verdade é aquele que, arranjando muito bem a armadilha, vence o companheiro ou adversário, e o obriga, ou quase a emudecer, ao ver-se preso sem perceber o dolo, ou a conceder o que eles chamam consequências infalíveis, que seria ridículo e ímpio negar, mas que estão cheias de covas e de laços: quem os não vê é colhido neles e obrigado a dar as mãos à palmatória e a conceder

<sup>1</sup> QNS. 333-337.

<sup>2</sup> QNS. p. 191.

<sup>3</sup> QNS. p. 241-242.

<sup>4</sup> QNS. p. 336.

o que o outro queria, i.é., a falsidade. É isso o que eles chamam a doutrina científica dos silogismos”<sup>1</sup>.

Daí o furor de Sanches no *Q. N. S.* contra tais sofistas e as suas invectivas, não lhes poupando os nomes mais sarcásticos; daí a sua atitude contra a dialéctica, que enchia “volumes de suposições, de reflexões e de modais... outra Circe que transforma os ouvintes em asnos”<sup>2</sup>; daí o desprezo pela metafísica, que estes filósofos ensinavam, reduzida por eles a mero jogo de palavras; daí por fim uma frase ou outra de menos apreço contra Aristóteles, introdutor do silogismo e causador involuntário de tão graves abusos.

No entanto o conhecimento verdadeiro, pelo qual Sanches tanto anelava, era tão simples!

B. Notemos, desde já, que o título desta obra, *Q. N. S.*, é de molde a induzir em erro, como se Sanches negasse todo o conhecimento. Nas suas páginas são frequentes as alusões mais ou menos directas à possibilidade do conhecimento humano: *innatum homini est velle scire; paucis concessum est scire velle; paucioribus scire*<sup>3</sup>. Logo a uns tantos, ainda que muito poucos, é dado o conhecer, é dado atingir a verdade. Entre esses poucos, inclui Aristóteles, “que ocupa um dos lugares mais honrosos entre os filósofos mais ilustres e foi de certo um dos engenhos mais agudos”<sup>4</sup> e Adão, que “segundo atesta o autor do *Pentateuco*, conhecia a natureza das coisas”<sup>5</sup>, mas não os únicos.

Distingamos, com Sanches, duas espécies de conhecimento: o perfeito e o imperfeito. O perfeito “é aquele pelo qual a gente entende e vê as coisas por todos os lados, por dentro e por fora”<sup>6</sup>, é “o conhecer as coisas interna e externamente”. Este conhecimento, que chamariamos por outros termos exaustivo, é só de Deus: “se no homem fosse perfeito esse conhecimento, ele seria semelhante a Deus, seria até o próprio Deus, pois ninguém pode conhecer perfeitamente aquilo que não criou”<sup>7</sup>.

O imperfeito é o conhecimento que compete ao homem e “em virtude dele apreende o assunto por um modo qualquer, de qualquer

<sup>1</sup> *QNS.* p. 337.

<sup>2</sup> *QNS.* p. 348.

<sup>3</sup> *QNS.* p. 161.

<sup>4</sup> *QNS.* p. 180.

<sup>5</sup> *QNS.* p. 245.

<sup>6</sup> *QNS.* p. 278.

<sup>7</sup> *QNS.* p. 275.

forma que seja”<sup>1</sup>. Este conhecimento é obscuro, num perpétuo fazer-se, refazer-se e perfazer-se, tendo como meta e limite, inatingíveis no entanto, o conhecimento perfeito de Deus, do qual o homem se aproxima mais ou menos, conforme a sua capacidade intelectual. Este conhecimento “é-nos familiar, maior ou menor, mais claro ou mais obscuro, repartido em suma em graus diferentes, segundo a capacidade intelectual dos homens”<sup>2</sup>.

Distingue ainda Sanches o conhecimento sensual “que se obtém pelos sentidos”, e o interno “que se obtém só pelo espírito”. “O sentido nada conhece, nada julga: apenas recebe o que se oferece ao espírito para este conhecer, da mesma forma que o ar não vê as côres nem a luz, embora as receba para as oferecer à visão”...

Admite três espécies de coisas que são conhecidas diversamente pela inteligência: a) umas completamente externas, como por exemplo a cor, o som, e estas “não se podem apresentar *per se* ao espírito para este as conhecer, a não ser que imprimam a sua imagem... num órgão apto para as receber, oferecendo-se então ao espírito; b) as segundas são inteiramente internas, e destas umas existem sem auxílio do espírito, vg. a memória, o apetite... outras não completamente sem isso, vg. a intelecção; c) as terceiras são em parte externas, em parte internas, vg. a natureza do cão<sup>3</sup>.

Estas três espécies de coisas podem ser conhecidas pelo homem, diz-nos Sanches. As mais seguras são as que se passam dentro de nós, ou feitas por nós, pois “estamos certos de que realmente existem; segue-se-lhe o conhecimento das coisas externas, por fim aquelas que são por nós deduzidas de outras e expressas por nossas palavras: “estou mais certo de existir e ser branco este pergaminho em que escrevo, do que ser composto de quatro elementos, e destes existirem nele em acto”...<sup>4</sup>.

Concluamos. Não dissemos tudo o que pretendíamos a propósito de Sanches, para não passarmos além do tempo que nos fora indicado. Mas do que fica exposto, parece poder concluir-se, que Sanches não é céptico. Com efeito:

<sup>1</sup> QNS. p. 278.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> QNS. pp. 279-281.

<sup>4</sup> QNS. p. 284.

1. O *QNS.* escreveu-o Sanches contra a filosofia decadente da sua época, toda formalista, com acentuado desprezo ou descuido pela realidade.

2. Sanches pretende redintegrar a filosofia no homem, por novo método de análise e introspecção filosófica, que o meterá no caminho da realidade e da certeza: "Voltei-me então para mim mesmo: e pondo tudo em dúvida, como se até então nada se tivesse dito, comecei a examinar as próprias coisas: é esse o verdadeiro meio de saber"<sup>1</sup>. A 2ª edição do *QNS.* saiu à lume em Francfort em 1618, precisamente à data em que Descartes se encontrava nesta cidade. Em 1637 publicava este o seu *Discours de la Méthode*, de semelhanças tão palpáveis com o *QNS.*

3. O título, *QNS.* (*Que nada se sabe*), não corresponde de modo algum ao pensamento completo de Sanches, e deve interpretar-se no sentido de que nada se sabe perfeitamente, exhaustivamente. Mas o homem conhece, como deixámos dito, imperfeitamente, o que não quer dizer que não possa conhecer até perfeitamente uma coisa sob um aspecto, ainda que nunca a conhecerá sob todos os seus aspectos. Pode conhecer vg. a existência de Deus, do movimento desta pedra, de que o homem é substância, mas não pode jamais apanhar no seu conceito a totalidade do conhecível no ser.

<sup>1</sup> *QNS.* p. 162.